

Capítulo 7

O conhecimento: elucidações conceituais e procedimentos metodológicos

LUCKESI, Cipriano. Filosofia da educação. São Paulo: Cortez, 1994.

Na prática docente, como abordamos anteriormente, muitas vezes se exercita o ensino sem se perguntar o que é o conhecimento, seu sentido, seu significado. Para um exercício satisfatório do ensino, entre outros elementos fundamentais – como Psicologia e Sociologia da Educação, recursos metodológicos para o ensino etc. –, é importante, também, possuir uma *teoria do conhecimento*. Teoria do conhecimento nada mais é do que *um entendimento do que vem a ser o conhecimento*, seu processo, seu modo de ser. Assim, vamos discutir o conhecimento, para nos apropriarmos do seu sentido, de tal forma que tenhamos a possibilidade de utilizá-lo da melhor maneira possível em nossas atividades docentes. No capítulo 5, denunciamos o senso comum que paira sobre essa questão na prática escolar. Aqui, desejamos abordar criticamente esse tema, por isso o retomamos de forma nova e mais aprofundada.

1. O conhecimento

Quando se pergunta a alguém o que é conhecimento, a primeira – e a mais comum – resposta que obtemos é que conhecimento é aquilo que aprendemos nos livros, nas conferências... A resposta não está de todo inadequada. Porém, há um elemento que está na raiz do que denominamos conhecimento e que importa compreender para que essa definição fique mais adequada.

O conhecimento é a compreensão inteligível da realidade, que o sujeito humano adquire através de sua confrontação com essa mesma realidade. Ou seja, a realidade exterior adquire, no interior do ser humano, uma forma abstrata pensada, que lhe permite saber e dizer o que essa realidade é. A realidade exterior se faz presente no interior do sujeito do pensamento. A realidade, através do conhecimento, deixa de ser uma incógnita, uma coisa opaca, para se tornar algo compreendido, translúcido.

Um exemplo: quando nos deparamos com algo que desconhecemos, ficamos magnetizados. Ou seja, nem podemos descartar o que está à nossa frente, nem sabemos o que fazer desde que ignoramos tudo sobre esse objeto.

Vamos, a título de exemplo, imaginar à nossa frente um computador e supor que nunca tenhamos tido contato com equipamento semelhante. O que fazer com ele? Por enquanto, nada: não há o que fazer, pois desconhecemos tudo sobre ele e o seu funcionamento. Com a ajuda de um manual e de alguém que já trabalhou com esse instrumento, podemos tentar, aos poucos, utilizá-lo; e, após algum tempo, estaremos dominando-o e utilizando-o adequadamente. O que ocorreu? Passamos da ignorância para o saber sobre o objeto e adquirimos algum entendimento, de tal forma que ele se tornou inteligível.

Tomemos algo mais existencial, como a questão do câncer. Há uma ignorância muito grande entre os especialistas sobre o que é e como dominar esse desvio biológico, que tem se manifestado tão intensamente nos seres humanos nos últimos tempos. Se soubéssemos o que é câncer e o modo de dominá-lo, ele não nos assustaria tanto. Outras doenças, que também assustavam o ser humano, deixaram de ser temidas depois de serem dominados os modos de vencê-las. É o caso da tuberculose, da lepra etc. No passado, os portadores dessas doenças deviam afastar-se de suas famílias, indo para isolamentos sanitários. Hoje, o tratamento não requer mais o isolamento.

Portanto, o conhecimento pode ser entendido, sim, como aquilo que adquirimos nos livros, nas aulas e nas conversas, mas com o objetivo de alcançar entendimento da realidade. O que está em primeiro lugar, o que está na raiz do conhecimento, é a elucidação da realidade e não a retenção de informações contidas nos livros. Essas informações deverão ser auxiliares no entendimento da realidade; contudo, elas por si mesmas não são o conhecimento que cada sujeito humano, em particular, tem da realidade. É preciso utilizar-se das informações de maneira intelectualmente ativa, para que se transformem em efetivo entendimento do mundo exterior.

A expressão “o conhecimento é uma elucidação da realidade” nos dá esclarecimentos muito importantes, que permitem entender, de uma forma

relativamente adequada, o que é o conhecimento. A palavra “elucidar” tem origem no latim e provém de dois termos dessa língua: ela é formada pelo prefixo *e*, que neste caso significa “reforço”, “muitas vezes”, e pelo *lucere*, que significa “trazer à luz”. Desse modo, elucidar, do ponto de vista etimológico, significa “trazer à luz duas vezes”, ou “trazer à luz fortemente”. Elucidar é, então “trazer à luz fortemente”. Estamos falando da luz como linguagem metafórica, figurada, para expressar a “luz” que a inteligência projeta sobre a realidade. Se não detemos um entendimento sobre o câncer, é porque a inteligência humana não conseguiu ainda projetar sobre ele sua “luz” cognitiva, penetrar esse fenômeno. Por outro lado, se detemos entendimentos sobre a tuberculose, é devido ao fato de a inteligência humana já ter penetrado nesse “mistério” da realidade.

Nossa incapacidade de trabalhar com determinados objetos decorre, fundamentalmente, de nossa ignorância sobre eles e sobre os recursos a serem utilizados em sua transformação.

Para compreender bem o conhecimento como forma de “iluminação” da realidade, vamos lembrar uma situação de vivência biológica pela qual todos já passamos. A situação é a seguinte: estamos sob o sol de 10 horas da manhã e entramos em uma sala que está em penumbra. De imediato, paramos, sentimos-nos inseguros devido ao “escurecimento da vista”, decorrência de um processo de acomodação da retina. De início, não enxergamos nada, mas, após algum tempo, começamos a enxergar vultos e, a seguir, reiniciamos nosso movimento de entrada. Por que isso ocorreu? Devido a, momentaneamente, não enxergarmos mais nada e perdermos o senso dos objetos que poderiam estar pelo caminho. Reiniciamos o caminho porque temos luz suficiente para distinguir o que fazer, que movimentos são necessários para não esbarrar nos objetos à nossa volta.

Em termos de conhecimento ocorre, num outro patamar, mais ou menos a mesma coisa. Aqui temos um exemplo biológico, colado à sensação física. No caso do conhecimento, temos um patamar de “iluminação” que envolve a inteligência, que envolve a compreensão. O câncer, a Aids e tantas outras coisas que não dominamos cognitivamente são escuridões que estão à nossa frente e que não nos permitem agir de forma adequada. O conhecimento é o entendimento que permite ações adequadas para a satisfação de nossas necessidades, sejam elas físicas, biológicas, estéticas ou outras.

O conhecimento, em síntese, é uma forma de entendimento da realidade. Muitas vezes, o conhecimento é confundido com o processo de decorar informação dos livros, para a seguir, repeti-la em provas escolares ou em provas de seleção. Isso não é conhecimento. Isso é memorização de informação, sem saber o que, de fato, essa informação significa.

Então, quando dizíamos acima que a afirmação “conhecimento é aquilo que adquirimos nos livros...” não estava de todo inadequada, era pelo fato de que muitos conhecimentos são adquiridos através dos livros e outros meios, mas como compreensão, como “iluminação” da realidade e não como retenção aleatória de pequenas informações. Conhecimento, no verdadeiro sentido do termo, é aquele que possibilita uma efetiva compreensão da realidade, de tal forma que permite agir com adequação.¹

2. Formas de apropriação da realidade através do conhecimento

Existem duas formas¹ de nos apropriarmos da realidade pelo conhecimento: uma, através da investigação direta da realidade; e outra, através da exposição dos conhecimentos já produzidos e apresentados por seus autores. Marx nos diz que dois são os métodos do conhecimento: o da investigação e o da exposição.

“É mister, sem dúvida — diz ele — distinguir, formalmente, o método de exposição do método de pesquisa. A investigação tem de apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento, e de perquirir a conexão íntima que há entre elas. Só depois de concluído esse trabalho, é que se pode descrever, adequadamente, o movimento do real. Se isso se consegue, ficará espelhada, no plano ideal, a vida da realidade pesquisada, o que pode dar a impressão de uma construção ‘a priori’.”²

Vamos tentar entender esses dois métodos anunciados por Marx para, a seguir, prosseguir em nossa discussão. Em primeiro lugar, Marx apresenta o método da investigação. Essa ordem de apresentação, evidentemente, não é gratuita. Com ela, Marx quer enfatizar que o conhecimento, em si, nasce de um trabalho de entendimento da própria realidade. Só depois, ele pode ser exposto, comunicado aos outros. Ou seja, só após os exercícios de investigação é que temos a possibilidade de expor o entendimento que criamos da realidade. Para tanto, o exercício da pesquisa deverá ser o mais rigoroso possível, de tal forma que possibilite a construção de um enten-

dimento que seja, no nível do pensado, a expressão dessa mesma realidade. Evidentemente não como cópia dela, mas sim como sua compreensão inteligível. O conhecimento é a expressão do real, mas não sua cópia.

Isso traz uma consequência para o processo educativo. Pode-se aprender a partir da investigação direta e apropriação ativa da exposição do conhecimento efetivada por outros. Mas, certamente porque o método de investigação nem sempre poderá ser utilizado no pequeno espaço de tempo que se dispõe dentro dos limites escolares, o método mais freqüentemente utilizado será o da exposição, seja oral, seja escrita, ou ainda através de outros meios de comunicação.

2.1 O conhecimento direto da realidade (método da investigação)

O conhecimento direto da realidade decorre do esforço que o sujeito do conhecimento faz para obter um entendimento adequado da mesma. Para tanto, ele deverá assumir uma posição crítica durante todo o processo.

Para a produção do conhecimento da realidade, a primeira posição a ser assumida pelo sujeito é uma crítica dos próprios fenômenos da realidade a ser investigada. Ou seja, em princípio, importa que o investigador tenha claro que a realidade não se dá a conhecer imediata e facilmente. Ela tem subterfúgios e manifesta suas aparências, mas não sua essência.

Vamos iniciar por um exemplo bem simples. Em muitas situações do dia-a-dia, dizemos que “a lã é quente”. Será que a lã é quente mesmo? De fato, a lã não é quente; ela é, sim, boa retentora de temperatura. Quente é o nosso corpo. Se sobre ele colocamos uma veste de lã, que é boa retentora de temperatura, o nosso corpo fica mais protegido do frio devido a ficar envolvido pelo seu próprio calor, retido pela vestimenta de lã. Na aparência, a lã é quente; na essência, ela é boa retentora de temperatura. O conhecimento que quer ser verdadeiro deve ultrapassar as aparências e chegar à essência. Não basta ficar na primeira e primária impressão. Os fenômenos, por si, não manifestam veracidade.

Para dar um exemplo mais complexo de situação onde podemos nos enganar com as aparências, vamos lembrar “as estruturas do poder das instituições”. Qualquer governo de Estado, qualquer prefeitura, qualquer secretaria, assim como qualquer escola, tem um organograma (aquele desenho da distribuição dos órgãos e setores da instituição, com as diversas direções do poder). O organograma, por si, seria a forma como o poder se distribui dentro daquela determinada instituição. Se, contudo, estudar

1 Sobre a dupla forma — direta e indireta — de proceder ao conhecimento poder-se-á ver Luckesi, Cipriano et alii. “O leitor no ato de estudar a palavra escrita”. In: *Fazer universidade: uma proposta metodológica*, São Paulo, Cortez 1984. Ainda: Freire, Paulo, “O ato de ler”. In: *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra; e *Importância do ato de ler*, São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1984.

2 Marx, Karl. *O Capital*, Livro 1, v. 1. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966, p. 16.

mais rigorosamente, verificaremos que esse organograma é a organização “aparente” do poder dessa instituição. De fato, a distribuição do poder é bem diferente dessa que está especificada no organograma. Existem interferências pessoais, articulações diversas e indevidas etc. Para descobrir a verdadeira estrutura do poder de uma instituição não basta estudar o seu organograma. É preciso ir além, descobrir efetivamente o que ocorre com o poder naquela instituição, que caminhos segue, que interferências efetivas se manifestam, muito para além daquilo que está expresso no organograma. Aí é que entra o processo de investigação, que possibilita ultrapassar as aparências e chegar às essências. O essencial não se dá à primeira vista. Por isso, é preciso ser crítico em relação aos dados.

Marx diz que, se aparência e essência coincidissem, não seria necessária a ciência. De fato, a ciência só é necessária porque a realidade não se dá a conhecer facilmente. As aparências, que são manifestações da própria realidade, ocultam a verdade dessa mesma realidade. Assim, a primeira posição metodológica de quem quer se dedicar a elucidar o real deve ser uma atitude crítica para com as aparências da realidade. Assumir a posição crítica para efetivamente conhecer significa assumir um posicionamento permanente de ir para além das aparências, buscando aquilo que subjacentemente explica a realidade através dos nexos e das relações que são invisíveis num primeiro momento.

Uma segunda posição metodológica por parte de quem deseja investigar alguma coisa refere-se à crítica do senso comum. Ou seja, torna-se fundamental criticar as interpretações cotidianas sobre aquilo que estamos estudando. Não se pode, direta e imediatamente, acreditar que aquilo que as pessoas dizem sobre si mesmas seja a verdade. É preciso olhar criticamente para as opiniões que o presente tem sobre os objetos que ele interpreta. Não bastam as falas. É necessário investigar se essas falas estão articuladas com a objetividade dos fatos, ou se simplesmente expressam interpretações, senão falsas, ao menos parciais, da realidade. Não se pode admitir, pura e simplesmente, a opinião popular como explicativa de alguma coisa. Ela é sempre fragmentária e, na maior parte das vezes, está articulada com experiências existenciais dogmáticas e supersticiosas. De acordo com Gramsci, não se deve condenar a visão cotidiana da realidade, mas deve-se sim, tomá-la criticamente nas mãos, para elevá-la a um novo patamar de compreensão, que seja coerente, consistente e orgânico.

O terceiro elemento metodológico necessário para a constituição de um conhecimento objetivo é a crítica das explicações existentes no meio científico. Não se pode desprezar os conhecimentos já estabelecidos, assim como não se pode admiti-los como plenamente verdadeiros. A verdade, sendo aproximativa, deverá ser permanentemente buscada. É preciso ve-

rificar criticamente aquilo que é verdadeiro e significativo. Esse lado não pode ser jogado fora. Como também importa descartar aqueles conceitos que já não explicam mais a realidade. Os conhecimentos científicos existentes representam passos dados pela humanidade no seu esforço permanente de compreender a realidade para transformá-la. Isso, como podemos deduzir dessas discussões, não quer dizer que devamos, pura e simplesmente, aceitar ou rejeitar todo conhecimento estabelecido. Sendo aproximativos, os conhecimentos serão revistos. Há o que deva ser aproveitado criticamente, como há o que deva, também criticamente, ser descartado.

Para enfrentar a realidade criticamente, levando em consideração os elementos que apontamos, importa utilizar recursos metodológicos gerais. Vamos lembrar alguns deles.

Não tomar a parte pelo todo. Não se pode julgar um indivíduo simplesmente por ter visto o seu rosto. Ele possui muitos outros caracteres, que compõem o todo de sua personalidade e do seu modo de ser. Também a vida de um povo não pode ser julgada simplesmente pelas suas festas. Muitos outros elementos devem entrar nesse processo de caracterização e de julgamento. Para se estabelecer um conhecimento aproximativo do real, importa tomar cada coisa pelo todo, ou seja, por todos os elementos que o compõem dentro de um quadro de nexos e relações. Importa desvendar as relações que constituem o objeto de estudo.

Não tomar o particular pelo universal, mas sim procurar no particular o universal. Ou seja, em cada objeto a ser estudado, importa descobrir as características universais. Não são os caracteres individuais da personalidade de Pedro que definem o ser humano, mas certamente em Pedro manifestam-se características universais do ser humano, situado social e historicamente. A ciência é a descoberta do universal que se manifesta no particular. As características das classes trabalhadoras se manifestam em qualquer trabalhador. A identificação desses elementos universais é necessária para a constituição de uma compreensão direta da realidade.

Não se pode esquecer que o passado se faz presente em qualquer situação ou objeto do conhecimento ao qual nos dediquemos. Nada se faz abruptamente. Todos os fenômenos naturais ou sociais têm uma gênese, uma história. E essa história, essa gênese é fundamental para se entender o objeto que estamos estudando. Assim, a escola que temos hoje não é a mesma de ontem; mas a escola de hoje é devedora da de ontem. E, em termos de conhecimento, não vamos conseguir compreender bem a escola de hoje sem estudá-la a partir de sua transformação de ontem para o hoje. Nós, em nossa personalidade individual, somos fruto de toda a nossa história de vida. E, assim, cada fenômeno, seja ele da sociedade, ou da natureza.

Levando em conta esses elementos estaremos em condições de produzir um conhecimento aproximadamente verdadeiro da realidade, compreendendo-a e explicando-a. O conhecimento, assim, se manifestará como a iluminação da essência sob a aparência.³

O conhecimento produzido de modo crítico, certamente, será uma iluminação da realidade. Ele consistirá num novo entendimento da realidade, que possibilitará ações práticas com um nível de adequação muito maior. A ciência é uma forma de entendimento da realidade extremamente necessária para a sobrevivência e o avanço da humanidade.

2.2 O conhecimento indireto da realidade (método da exposição)

O método de exposição anunciado por Marx é o meio pelo qual o investigador expõe os conceitos que conseguiu formular sobre a realidade investigada. Ou seja, o pesquisador expõe a expressão "pensada" da realidade. Todavia, a exposição é também o meio pelo qual podemos nos apropriar, através de uma assimilação ativa, dos conhecimentos expostos. Os pesquisadores desenvolveram suas investigações, formularam suas explicações da realidade e as expuseram, seja através da fala, seja através da escrita. Nós assimilamos o conteúdo dessas exposições, na perspectiva de entendermos a realidade. É a isso que denominamos "conhecimento indireto da realidade", devido ao fato de adquirirmos um entendimento do real através do entendimento exposto pelo pesquisador. E, portanto, uma via indireta de enfrentar a realidade do ponto de vista cognitivo.

No conhecimento denominado direto, a confrontação cognitiva se dá entre sujeito do conhecimento e objeto conhecido. No conhecimento denominado indireto a confrontação se dá entre sujeito do conhecimento e objeto conhecido através da exposição do investigador. Assim, o que está exposto num texto, num livro, não substitui, de forma alguma, a realidade. A exposição é intermediária entre o sujeito do conhecimento e a realidade. É um meio eficiente pelo qual podemos adentrar em muitos dos mistérios da realidade física e da realidade social, sem que tenhamos que proceder aos longos e minuciosos processos da investigação. Aliás, nenhuma de nossas vidas seria suficiente em termos de duração, nem teríamos competência, para proceder a tantas investigações quantas as que ocorrem diariamente

no mundo da ciência e da cultura. Seria um sonho vão acreditar que poderíamos, ao menos, reconstituir uma pequena parcela das pesquisas já realizadas em qualquer das possíveis áreas de conhecimento.

Temos mesmo que admitir com muita clareza que a maior parte do conhecimento que cada um de nós detém foi adquirida a partir da exposição de algum pensador pesquisador ou professor. Poucos de nós nos dedicamos a criar novos conhecimentos, e poucos, proporcionalmente à quantidade de seres humanos, são aqueles que se dedicam efetivamente ao trabalho de produzir conhecimentos novos. Um caminho aberto e fundamental de apropriação de uma compreensão da realidade, disponível a todos nós, é o conhecimento indireto. É a aquisição da realidade através dos resultados dos trabalhos de investigação dos pensadores e dos cientistas.

As duas formas de conhecimento estão articuladas: não há como produzir conhecimento direto da realidade sem se dedicar a uma assimilação crítica dos conhecimentos anteriormente estabelecidos. Os conhecimentos anteriores servem de ponto de apoio para o avanço da investigação, assim como muitas vezes servem para demonstrar as lacunas onde há necessidade de investigações novas ou mais específicas. Nenhum conhecimento nasce de si mesmo: cada conhecimento novo é herdeiro do passado humano, assim como é herdeiro da contribuição de investigadores contemporâneos. A investigação sempre tem uma dívida histórica com os que vieram antes, assim como tem uma dívida para com os que vivem e convivem numa mesma época histórica.

A crítica, num processo de conhecimento indireto da realidade, se nutre dos mesmos critérios que apresentamos para o conhecimento direto. Ou seja, o conteúdo que estiver sendo exposto deverá ultrapassar o aparente. Terá que dar conta de um patamar de compreensão e explicação da realidade que vá para além das aparências; que não tome a parte pelo todo; que manifeste os elementos universais explicativos de uma determinada realidade; que busque o fundamento do entendimento, não só no presente do objeto exposto, mas que o explique a partir de sua gênese. Assim, o conhecimento adquirido, via exposição de alguém, é um instrumento crítico de compreensão da realidade, na medida em que tenha sido construído de uma forma crítica, com todos os elementos metodológicos acima especificados. Nós, apropriadores de conhecimentos, é que devemos estar atentos para verificar se a exposição que estamos recebendo tem um valor crítico ou não. Não é devido ao fato de alguma coisa ter sido escrita e publicada que é verdadeira. Nenhum critério, em termos de definição de criticidade de um conhecimento, poderá ser assumido como superior aos limites da realidade. São os limites da realidade que permitem estabelecer e distinguir o verdadeiro. Um conhecimento é verdadeiro quando, de forma universal, explica os nexos lógicos do objeto que estamos querendo

³ Sobre o uso de método dialético na investigação, ver Ianni, Octávio. *Dialética e capitalismo*. Petrópolis, Vozes, 1988.

entender. Uma exposição será crítica na medida em que expresse um conhecimento verdadeiro como expressão pensada da realidade.

Nisso tudo, o que importa, radicalmente, é a compreensão da realidade, seja através do procedimento direto ou do procedimento indireto de conhecer.

3. O conhecimento na escola

Como vimos em capítulo anterior, é comum na prática escolar se distorcer o verdadeiro sentido do conhecimento como entendimento da realidade. Conhecimento, na maior parte das vezes, significa para a escola transmissão e retenção de pequenas “pílulas” de informação. Decoram-se essas porções de informação e a realidade, em si, permanece obscura e não-compreendida. Na maior parte das vezes, os professores estão mais preocupados com os textos a serem lidos e estudados, do que com a própria realidade que necessita ser desvendada.

Às vezes se valoriza tanto um determinado texto de estudo, que o próprio texto parece substituir a realidade. Muitas vezes, o difícil não é compreender a realidade, mas sim o texto que expõe um determinado conhecimento estabelecido a respeito dela. E há até ocasiões em que os professores selecionam os textos mais complicados de entendimento para que os alunos se debruçam mais sobre eles que sobre a realidade que os textos pretendem apresentar e desvendar.

Essas distorções dificultam o ensino e a aprendizagem. O interesse de cada um de nós e de cada criança que está na escola é ter a possibilidade de compreender a realidade e o mundo que está à nossa volta, de uma forma mais ampla e significativa. Ora, a escola, por vezes, não ensina nada além daquilo que todos já sabem (essa é a suposição: todos sabem alguma coisa, basta reuni-los para trocar umas tantas idéias e o conhecimento já estará estabelecido). Às vezes, a escola transmite informações tão desvinculadas da realidade e de tal forma hipertrofiadas, que passa para os alunos a sensação de que aqueles entendimentos expostos não valem nada; efetivamente, da forma como são apresentados, certos conteúdos por vezes, não valem nada mesmo ou, pior, são enganosos.

Em Geografia, por exemplo, dizer que “o solo se forma a partir da decomposição de rochas” é verdadeiro. Porém, demonstrar que isso ocorre, a partir do fato de moer ou rachar a rocha, é uma falsidade. A decomposição da rocha que produz o solo depende de fatores climáticos, de microorganismos, do húmus que recobre as decomposições etc. Além de serem pílulas

de conhecimento, aquilo que é ensinado na escola é, às vezes, falso e enganoso.

É preciso ter cuidado com esta questão do conhecimento, pois que dessa compreensão dependerá a forma de trabalhar com os alunos no processo de ensino/aprendizagem. Como já dissemos anteriormente, o conhecimento deve ser um modo de existir e de ver o mundo por parte de cada cidadão. E, para tanto, há que se apropriar do conhecimento de uma forma existencial. Ele deverá passar a fazer parte da vida de cada ser humano. Não poderá, por isso mesmo, ser tão-somente um conjunto de informações que se decora e depois... “graças a Deus”... se esquece.

Para ganhar um novo sentido, o conhecimento assimilado pelo educando deverá apresentar-se como alguma coisa significativa e existencial. Como lembramos anteriormente, o processo de aquisição de conhecimentos escolares deverá ter pelo menos quatro etapas e conteúdos básicos: aquisição de informações, princípios, seqüências etc.; aquisição compreensiva da metodologia utilizada na produção desse conhecimento através da execução; aplicação dessa metodologia em situações assemelhadas; inventividade de novos conhecimentos aplicando os conhecimentos e a metodologia adquiridos.

Assim, sendo, o conhecimento escolar só poderá vir a ser um conhecimento significativo e existencial na vida dos cidadãos se ele chegar a ser incorporado pela compreensão, execução e utilização criativa. Contudo, estas questões operacionais da aprendizagem pertencem ao mundo da didática e deverão ser tratadas em outro âmbito de conhecimento.

Esse entendimento do conhecimento pode ser utilizado tanto no nível do jardim da infância, quanto no nível universitário. O que importa é que cada pessoa, cada escolar, cada criança, consiga entender a realidade que está à sua volta. Claro, há que distinguir níveis de complexidade de conhecimentos. O conhecimento que se possibilita a um universitário não é o conhecimento que se vai oferecer a uma criança no jardim da infância. Mas, em ambas as instâncias educacionais, o conhecimento deverá ser uma forma de entendimento e de compreensão da realidade.

4. Procedimentos de estudo e ensino

1. Questões para estudo e compreensão do texto

- a) Como se entende o conhecimento como uma “iluminação da realidade”? Compare essa forma de conhecer com aquela que é processada na escola e verifique semelhanças e diferenças.